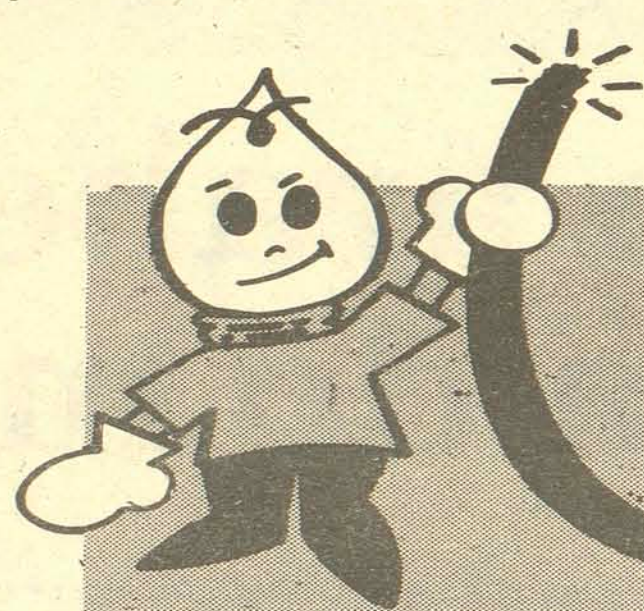




Intersindical dos Eletricitários SC

18/01/91 N: 122

Celesc vai pagar os 15,97%

Depois de inúmeras intervenções do Poder Executivo e Judiciário, a Celesc voltou atrás na sua decisão de não cumprir a sentença do TRT e vai incluir na folha de pagamento de janeiro os 15,97% concedidos pela Justiça Trabalhista. Os contatos com o presidente do Tribunal Regional do Trabalho, Umberto Grillo, e com o governador do estado, Casildo Maldaner, partiram da decisão da Intersindical de buscar todos os caminhos possíveis no sentido de conseguir o cumprimento da sentença e evitar uma nova paralisação na Celesc. O empenho dos dois foi fundamental na solução do problema.

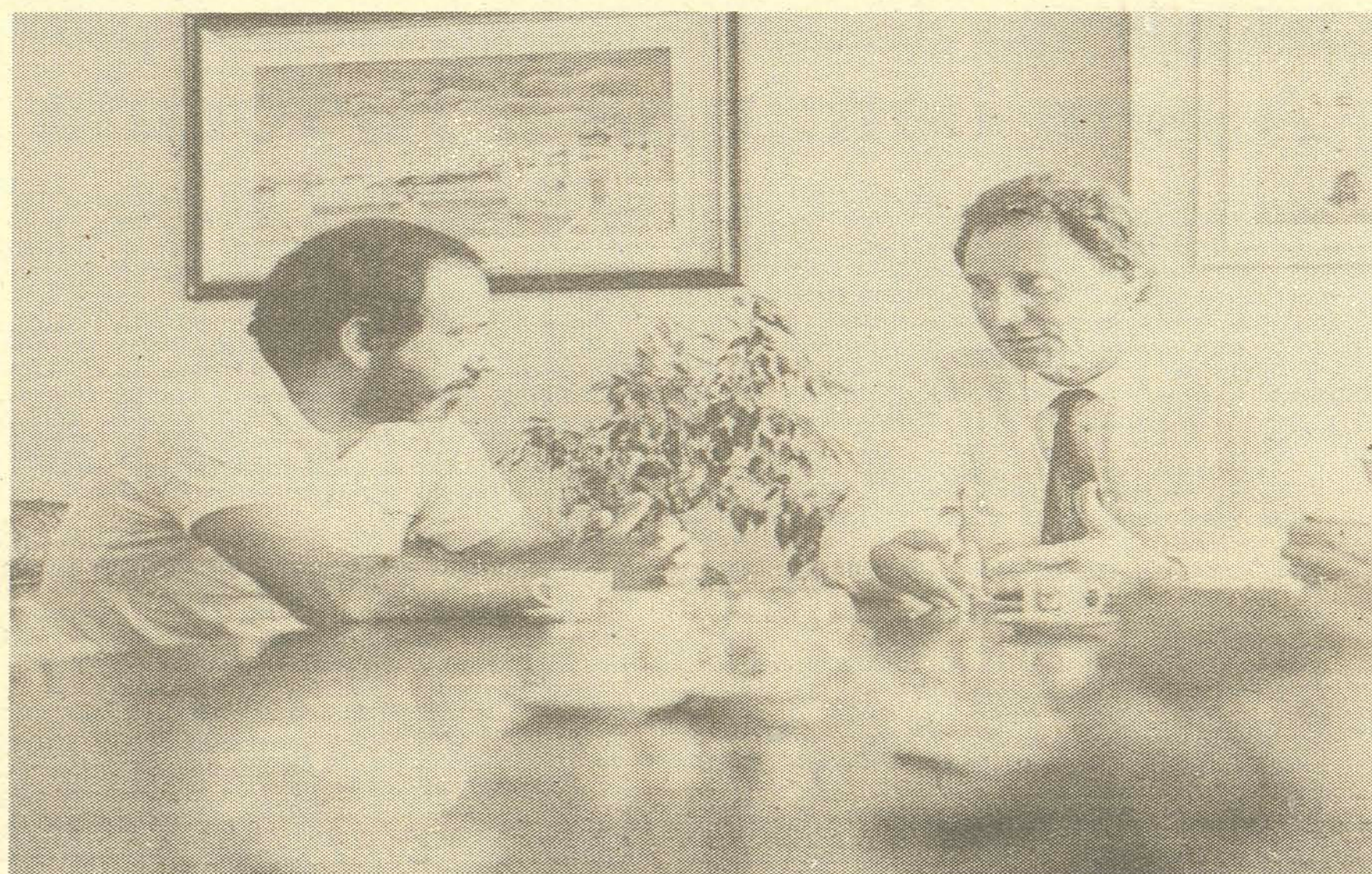
Na sexta-feira, dia 11, a Intersindical colocou para o presidente do TRT a irresponsabilidade de uma empresa que ignora uma decisão da Justiça e ao mesmo tempo tenta obter o julgamento da abusividade de uma greve. De imediato ele se prontificou a buscar pessoalmente uma solução para o problema. No final da tarde do dia 15, a Intersindical entrou em contato com ele e obteve a confirmação de que a empresa pagaria os 15,97%.

A audiência com o governador aconteceu na terça-feira. Ao ouvir o relato da Intersindical, Casildo se mostrou sensível à questão e na frente dos repre-

sentantes dos Sindicatos ligou para o diretor administrativo da Celesc, marcando uma reunião, para o dia 16 às 15 horas. Na negociação com o DA a Intersindical tratou da ameaça de descumprimento da decisão do TRT, pediu a suspensão do pedido da abusividade da greve e reinvidicou a desistência dos possíveis inquéritos junto a Secretaria de Segurança. Esses inquéritos são dirigidos a seis empregados da Agência Florianópolis e dirigentes sindicais, para apurar possíveis "excessos" cometidos durante os sete dias de greve. Não foi possível levantar os resultados dessa reunião porque ela transcorreu durante o fechamento desta edição.

Serão realizadas assembleias em todo o estado às 19h15min do dia 21, para discutir todo esse processo de negociações e dar os próximos encaminhamentos.

Na reunião realizada na semana passada, dia 8, Vilson Kleinübing declarou que, se Maldaner concordasse com a renúncia da atual diretoria da Celesc, ele desde já começaria a resolver os problemas da empresa. Na ocasião o governador eleito ainda se posicionou contrário a intervenção na Celesc e favorável a retomada do CRH partidário.



Na audiência Casildo marcou uma reunião com o DA da Celesc.

Comando lança ampla Campanha para reassumir a ofensiva

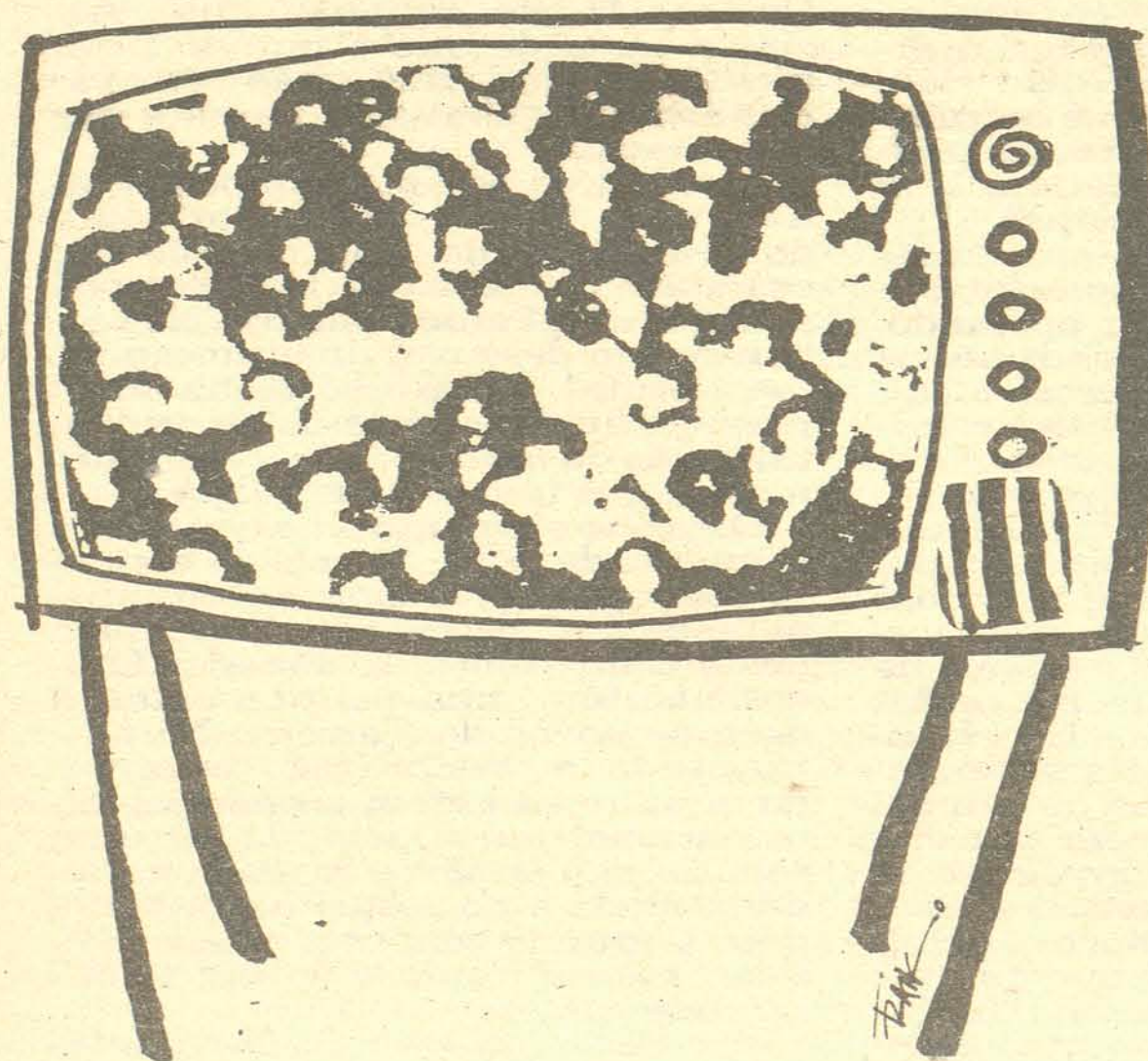
Durante o ano de 1990, os eletricitários viram que não poderiam alterar sozinhos a Política Salarial de Collor de Mello. Estava esgotada uma forma de organização e inviabilizada a mobilização para a Campanha Salarial daquele ano. Essas duas frases resumem a análise feita pelos Sindicatos que participam do Comando Nacional, na reunião do dia 10, no Rio de Janeiro. Com a disposição de encerrar essa etapa e reverter a situação, eles definiram as bases de uma Campanha que vai atuar em vários níveis: junto a categoria, entidades da sociedade civil, opinião pública, poder executivo e legislativo.

No TST, os membros do Comando vão apresentar a sua visão em relação as questões em pauta, como já fazem as empresas há muito tempo. Esse trabalho também será realizado junto aos poderes executivo e legislativo. Com relação às outras categorias de trabalhadores em Esta-

tais vai se tentar construir uma nova articulação nacional. Nesse sentido a Campanha dos Eletricitários vai estar vinculada a Campanha Nacional da CUT e da CGT contra a recessão.

Na categoria, o Comando vai buscar a polarização, chamando a atenção dos eletricitários para os principais problemas que atingem o setor elétrico: arrocho salarial, privatização e demissões. Nessa mobilização, os sindicatos vão recomendar a denúncia de irregularidades, que permitam desmascarar administrações corruptas, que praticam a política de destruição do setor.

Debates permanentes e uma ampla Campanha de Divulgação vão informar a sociedade da real situação do setor. Será uma Campanha semelhante às realizadas no Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Petrobrás veiculadas em rádio, televisão e jornal.



ELEIÇÕES

Situação vence em Lajes

De 7 a 11 de janeiro, os celesquianos do planalto e do oeste catarinense estiveram envolvidos na eleição da nova diretoria do Sindicato de Lajes. Quatro urnas percorreram toda a região, recolhendo 1.055 votos. Duas chapas concorreram ao pleito e a Chapa 1, liderada por Clóvis Finochet, venceu com uma diferença de 35 votos do total de votos válidos.

A diretoria que será empessada dia 30, defendeu durante a campanha a seguinte proposta de trabalho: organizar as delegacias sindicais, buscar novas formas de luta com a categoria e articulados com outras entidades, procurar fazer visitas periódicas à base, aumentar o número de dirigentes sindicais de três para cinco efetivos e cinco suplentes, procurar o cumprimento de sen-

tenças normativas e acordos. Na avaliação de Clóvis "a eleição foi disputada voto a voto, não houve vencedor ou vencido e o processo transcorreu na maior tranquilidade".

Na Chapa 2, que fez a oposição, a secretária geral, Olga Leucádia Vieira, declarou que o processo foi repleto de dificuldades. "A chapa de situação resistiu à inclusão de mesários indicados pela oposição e utilizou carros da Celesc para trazer eleitores para votar". Olga criticou o estatuto da entidade, afirmando que centraliza todas as decisões na mão do presidente. Para ela a vitória da Chapa 1, há 12 anos no Sindicato, por apenas 35 votos demonstra que "a Chapa 2 deve continuar sua luta para organizar a categoria e construir um sindicato classista e independente".

EDITORIAL

Assim caminha a Reforma

Como não foi possível ignorar as denúncias colocadas à público pela Intersindical, o diretor-presidente da Eletrosul se pôs a dar explicações. No Diário Catarinense do dia 12 de janeiro, ele não conseguiu negar os fatos, simplesmente apresentou uma série de desculpas, tentando se justificar. Para todos os trabalhadores da empresa e para a população suas declarações trazem uma triste confirmação: a farça realmente existe.

Gazaniga começou confirmando a contratação do seu cunhado para a assessoria da presidência. Mas essa, segundo ele, é a "metade da verdade". "Foi desconsiderado" que ele era funcionário antigo, acostumado a exercer "cargos de confiança". Gazaniga também lamentou a divulgação da "tragédia pessoal que atingiu dois ex-companheiros", que se suicidaram devido ao arrocho salarial aprofundado na administração. Afinal a memória deles "merece ser respeitada". Gazaniga desconsiderou o drama por que passam hoje 82 empregados demitidos ilegalmente por ele. "Quem nos dera que os problemas da Eletrosul se resumissem a esses 82 casos". Ele realmente não quer esse resumo e anuncia que as demissões vão continuar. "Hoje em dia é natural acontecer isso nas empresas".

BALANCETE

VERIFICAÇÃO DO MÊS 31 DE NOVEMBRO DE 1990 — SINERGIA

SALDO ANTERIOR: 31/10/90			
C.E.F. Conta Movimento 99-6	N	##	4.998,92
C.E.F. Conta Movimento 99-6	N	##	159.391,32
C.E.F. Conta Movimento 248-0	N	##	372.953,84
Aplicação Open Market	N	##	373.141,53
Em dinheiro Fundo Fio	N	##	21.620,86
C.E.F. CONTAS OUBANCAS			
Fundo Apoio Sindical 29007-0	N	##	24.703,77
Fundo Construção 21850-3	N	##	804.104,41
Fundo Mobilização CELESC 49659-0	N	##	8.218.446,19
Sinergia 50353-1	N	##	1.580.124,48
			1.000.000,00
RECEITAS			
Mensalidade CELESC/ESUL	N	##	Cr\$ 11.840.891,84
Contribuição Federativa CELESC	N	##	1.423.272,71
Mensalidade Fedatárias	N	##	5.183.438,00
Contribuição Sindical	N	##	13.912,00
Recuperação Despesas	N	##	75.011,84
Comissão Seguro	N	##	5.518,94
Recuperação Poupança/Open	N	##	1.798.950,76
			Cr\$ 8.626.471,39
TOTAL			Cr\$ 20.667.363,23
DESPESAS			
Despesa Geral	N	##	3.495.599,24
Manutenção/Equipamentos	N	##	1.949.300,70
Construção/Ampliação Prédio	N	##	218.985,00
			Cr\$ 3.614.494,24
SALDO ATUAL: 30/11/90			
C.E.F. Conta Movimento 99-6	N	##	4.998,92
C.E.F. Conta Movimento 99-6	N	##	73.504,87
C.E.F. Conta Movimento 248-0	N	##	183.446,95
Aplicação Open Market	N	##	183.446,95
Em dinheiro Fundo Fio	N	##	21.620,86
C.E.F. CONTAS OUBANCAS			
Fundo Apoio Sindical 29007-0	N	##	30.406,70
Fundo Construção 21850-3	N	##	3.204.489,85
Fundo Mobilização CELESC 49659-0	N	##	5.780.362,54
Sinergia 50353-1	N	##	1.580.124,48
			1.000.000,00
Sinergia 26500-7			1.530.770,79
Sinergia 50353-1			3.000.000,00
			Cr\$ 16.752.869,99
TOTAL			Cr\$ 20.667.363,23

Florianópolis, 10 de dezembro de 1990.

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7500 exemplares. Diretor responsável: Gláucio Marques. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS-6166) e Rosângela Bion (DRT/RS-1019). Diagramação: Vera Rotta. Ilustração: Frank Maia. Impressão Gráfica do Jornal o Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis-SC, fone: (0482) 22-3866, telex 481555, fax 23-5596. As matérias assinadas não correspondem necessariamente a opinião do jornal.

GUERRA NO GOLFO

Mundo árabe está na mira do mundo

Vinte e três entidades e partidos políticos, entre eles CUT Regional de Florianópolis, ICASP — Instituto Cultural de Amizade e Solidariedade entre os Povos, Sindicatos, Federações, Associações, PT, PC do B e PDT assinam o primeiro planfeto distribuído pelo Comitê Contra a Guerra no Golfo Pérsico. O documento foi entregue durante uma manifestação, havida durante todo dia 14, na esquina democrática do calçadão da Felipe Schmidt, em meio a debates, atividades artísticas e exibição de vídeos. Em seguida houve uma vigília cívica sob a figueira da Praça XV. As bandeiras do Comitê são: retirada das tropas imperialistas da região do Golfo Pérsico, uma solução negociada entre os povos árabes e o não à guerra.

O debate sobre a questão do Golfo Pérsico, realizado na Fecesc, dia 10, foi outra promoção do Comitê. Dele participaram representantes de partidos políticos, da OLP — Organização para Libertação da Palestina e da Sociedade Árabe Palestina Catarinense. Eles fizeram críticas ao comportamento das grandes potências internacionais e da ONU, abordaram o papel do Oriente Médio no contexto mundial e soluções para o impasse. A maioria defendeu que para resolver este e demais problemas existentes na região, como a questão palestina, será necessário que os povos árabes reúnam-se numa conferência.

“Uma solução árabe para o conflito árabe”

Nildo Ouriques foi um dos palestrantes do debate “O conflito no Golfo Pérsico”, organizado pelo Comitê Contra a Guerra. Ex-secretário da administração de Florianópolis, ele atualmente realiza um doutorado em economia na UNAM — Universidade do México, sobre a “dependência econômica dos países do Terceiro Mundo”.

Rô Bion
da equipe Linha Viva

Historicamente os Estados Unidos promoveu, somente na América Latina, 700 intervenções diretas e cerca de 4 mil indiretas. Na questão do Golfo Pérsico a grande diferença é o apoio mundial, desde a Inglaterra, passando pela União Soviética. Por quê isso está acontecendo?

Nildo Ouriques: Primeiro eu faria uma correção. Eu não acho que a União Soviética esteja apoiando. Ela tem uma posição menos bélica que os Estados Unidos. Desde a saída do Afeganistão sua política caminha para a distensão e desmilitarização. Bem, o mundo depois da perestroika mudou e a crise do Oriente Médio deixa claro que alguns valores, que começaram a se firmar com o fim da Guerra Fria, estão sob questionamento. O primeiro é a ideia de que a Guerra Fria acabou. Na verdade ela apenas mudou de interlocutores e de forma. Hoje ela se desenvolve em vários lugares do mundo de formas diferentes, com um elemento unificador — o grande conflito hoje não é mais entre o leste e o Oeste, mas entre o Norte e o Sul.

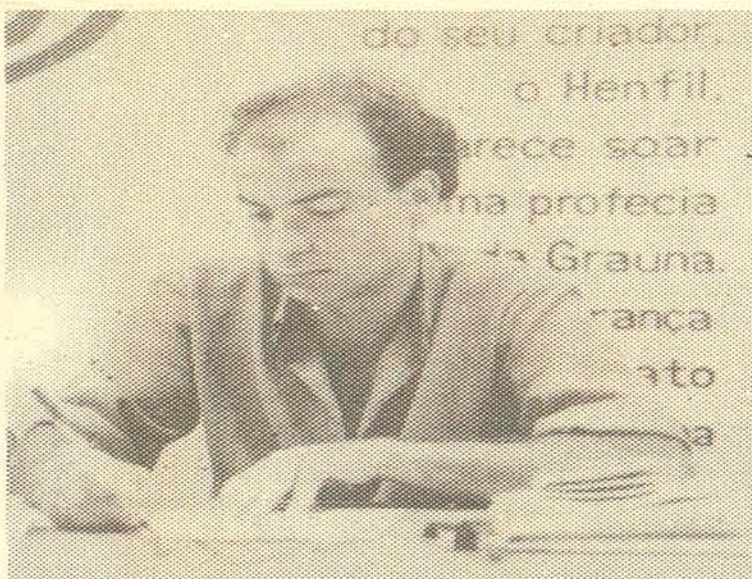
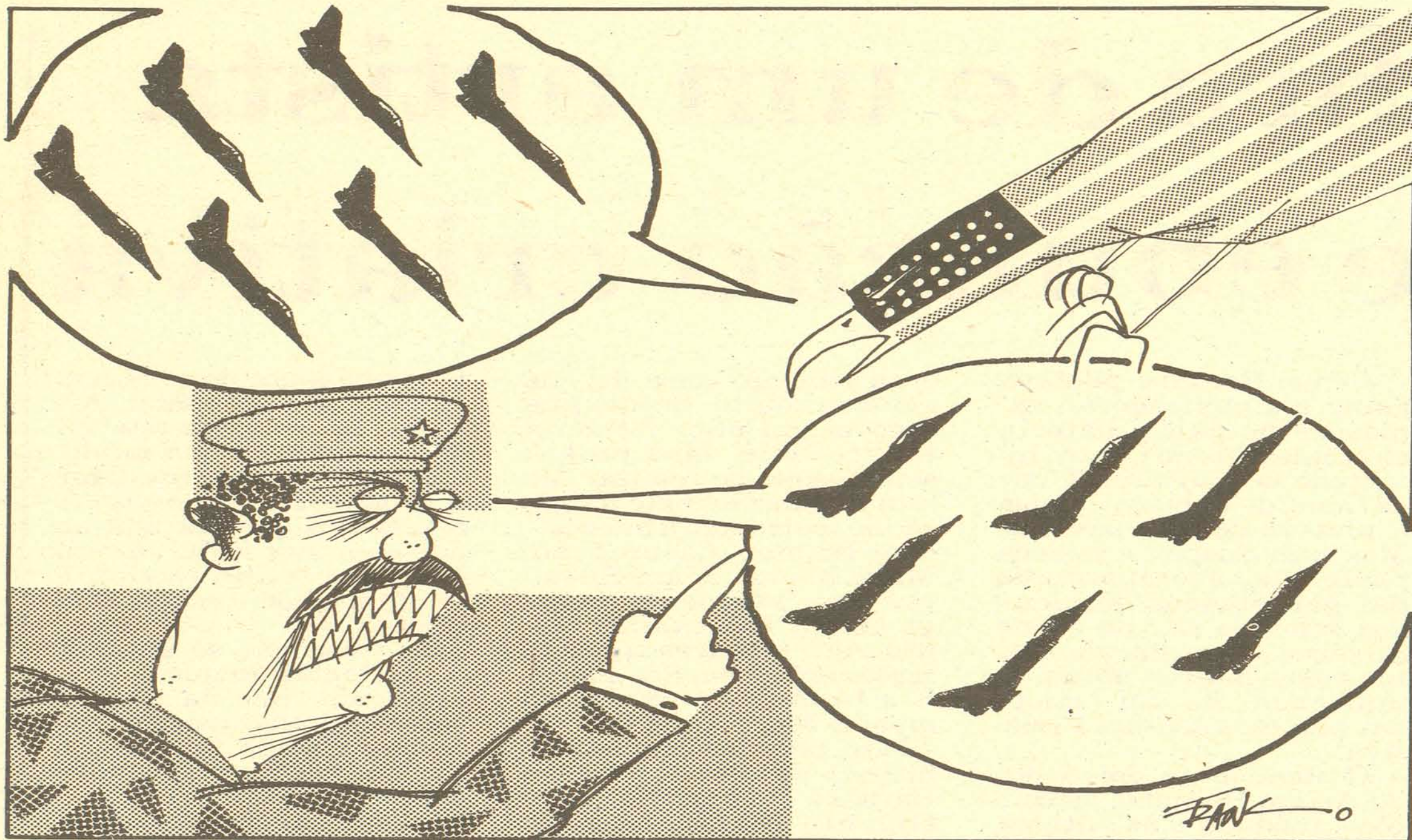
A segunda questão é que o imperialismo, tendo os Estados Unidos como economia dominante, sofre uma crise de hegemonia e tenta recuperar-la a nível de Terceiro Mundo. Seria inaceitável, para uma nação nessas condições, admitir que um país como o Iraque ataque um

ponto estratégico e um aliado fundamental dos Estados Unidos no Oriente Médio, impunemente. Assim a ideia de que o mundo ficou melhor depois da distensão entre capitalismo e socialismo passa a ser questionada.

O terceiro elemento é a ocidentalização do mundo, particularmente do Oriente Médio. Com o apoio que os Estados Unidos deu, por exemplo, ao Xá Rzeza Pahlevi, no Irã, ele promoveu um desenvolvimento capitalista brutal. Tudo isso tinha como pano de fundo o processo de ocidentalização do mundo árabe, que é um mundo que tem os seus valores.

O quarto elemento em xeque é um elemento de crise. Depois da distensão entre o capitalismo e o socialismo e o “fim” da Guerra Fria, como nós a conhecemos, os Estados Unidos não tem uma política externa para os povos do Terceiro Mundo. Diante da impossibilidade de formular uma nova ordem econômica internacional mais justa, de ter uma relação com os povos baseada na solidariedade e no respeito à autonomia, o grande condutor dessa política externa ainda é o “big stick” (grande porrete).

Por isso a solução do Golfo interessa profundamente aos latino-americanos. Ela pode significar um avanço na busca de uma ordem social mais justa, ou pode ser um recado para os países do Terceiro Mundo



Nildo: Conflito diz respeito aos latinos

de que só pode haver convivência entre os países desenvolvidos e os que possam responder as ameaças do ponto de vista familiar.

A guerra fria não era a melhor forma dos povos relacionarem-se, mas o “fim” dela permitiu que os Estados Unidos, num processo de crise do capitalismo, não tivesse nenhum contrapeso a nível dos blocos, na movimentação da política a nível internacional. Isso fez com que houvesse uma recomposição do neo-colonialismo de forma extraordinária, que se expressa na crise do Golfo.

A questão é: enterramos alguns aliados, e reavivamos outros na medida em que esteja mantida a exploração e a dominação dos povos do Terceiro Mundo. Um exemplo disso foi o que ocorreu no Panamá. O general Noriega era um aliado incondicional dos Estados Unidos mas, no momento em que ele decide tirar o dinheiro do narcotráfico que circula no sistema financeiro norte-americano, ele passou a ser um inimigo público.

Outro elemento que nos interessa — na América Latina, sempre esteve em jogo o medo do comunismo, do socialismo e da revolução, fomen-

tado pela política externa dos Estados Unidos. Com o “fim” da guerra fria e da exportação da revolução pela União Soviética e Cuba, a política externa norte-americana não tem mais esse elemento para manter o seu sistema de dominação, sobretudo o realizado pela via militar. Isso significa que há um “xerife no mundo”, determinando quem são os bons e os maus. O segundo elemento é quando uma invasão se torna aceitável. Os Estados Unidos tem uma história de invasões. Só na América Latina, nos anos 80, nós temos Granada, a invasão ao Panamá, o cerco à Colômbia, a Nicarágua e o eterno cerco a Cuba. Você não tem regras a nível internacional e todos esses elementos estão em jogo no Oriente Médio.

Quais serão as principais consequências de uma Guerra no Golfo Pérsico, para os países em desenvolvimento?

Nildo Ouriques: Grave é o fato de que os países do Terceiro Mundo não possam contar com o direito internacional, com a comunidade das nações viabilizada pela ONU, para resolver seus conflitos. Para países como o Brasil, que não decidem sobre nenhuma das grandes questões internacionais, isso é extraordinariamente grave, porque fomenta a ideia de que somente pela força podemos enfrentar os Estados Unidos. Ou seja, o Iraque só é perigoso porque ele um exército de um milhão de homens, detém a indústria química e se suspeita que ele tenha a arma atômica. O segundo elemento grave é que essa guerra aprofunda a desigualdade internacional. Está em jogo o controle por parte do mundo desenvolvido de um recurso estratégico do mundo capitalista: o petróleo. Nós somos dependentes dos países desenvolvidos no conjunto da vida econômica, política, diplomática e militar, mas eles não aceitam

ficar dependentes de uma matéria-prima estratégica.

E para os povos árabes. O que pode acontecer se houver um conflito?

Nildo Ouriques: Uma guerra que se realiza nestas condições não sabemos como termina. Seguramente exterminará as melhores energias do povo árabe, as conquistas obtidas até agora, independente do regime de governo, da formação do estado, etc... Outro elemento é que se nega a possibilidade do mundo árabe decidir sobre o seu próprio destino. No mundo capitalista desenvolvido ganha força, como um sonho entre os homens, a ideia da Europa unida. Negando esse direito aos povos árabes nós corremos o risco de cair num universalismo que nega para os povos do Terceiro Mundo extraordinárias possibilidades. Seria o mesmo que negar na América o sonho bolivariano da América Latina unida.

Nós temos que combinar duas questões importantes hoje. O mundo se tornou mais integrado a nível internacional, a comunidade das nações tem um peso extraordinário na vida dos estados nacionais, mas ela só se constituirá verdadeiramente quando tiver normas respeitadas por todos. Também é preciso respeitar as particularidades de algumas regiões, como o mundo árabe. Por isso eu defendo uma solução árabe para o conflito árabe. Só assim nós teremos condições de decidir o futuro da América Latina.

E a Palestina estaria incluída nesta solução?

Nildo Ouriques: Quando eu defendo uma solução árabe para o conflito aí se coloca também que se cumpra as resoluções da ONU, da década de 40, para a questão palestina, que não é um caso isolado, mas que o conflito no Golfo colocou de forma mais clara.

TRIBUNA
livre

Luiz Antonio Martins Mendes
Ex-empregado da Eletrosul

Tristes impressões
ou as fichas estão acabando

Aqui deixamos amigos e, sempre que pudemos, a ilha retornamos para uma temporada de férias, oportunidade em que conseguimos recompor as energias consumidas no cotidiano da cidade grande.

Florianópolis, pra mim, sempre representa alegria. Quando aqui vivi ou das vezes que aqui voltei em férias, sempre percebi muita alegria e um astral “pra cima”.

Mais uma vez aí estamos de volta e desta vez, infelizmente, não encontramos bem os nossos irmãos da Eletrosul.

Na cabeça de cada um reside o desânimo e a insatisfação, enquanto seus corações foram invadidos pela angústia e pela desesperança. E porque isto? Não tenho dúvidas que tudo isto é consequência da “modernidade” que tomou conta da empresa e do país. Esta “modernidade” que avilta os salários, que cria insegurança, medo nos empregados e que destruiu o ambiente de cordialidade fundamental à produtividade e ao bem estar da empresa.

Esta modernidade que ameaça com o chicote da demissão e que desliga a luz do fim do túnel da esperança.

A Eletrosul que, em meados da década de 80 ainda tinha uma das melhores equipes de técnicos do Brasil, vê suas melhores cabeças, por total falta de perspectiva, deixarem a empresa por outras atividades que nada tem a ver com a sua formação ou, por absoluta necessidade de garantir um padrão mínimo de rendimentos, dividirem seus tempos com atividades menos nobres.

É muito triste vermos os melhores técnicos da empresa serem obrigados, em busca da sobrevivência, a venderem sanduíches ou pastéis na praia, venderem “raspadinhas” no calçadão da Felipe ou abraçarem a camelotagem oferecendo bugigangas a “nuestros hermanos platinos” nas mornas águas do norte de ilha.

Não tenho nada contra vendedores de sanduíches, de loterias, de cosméticos ou de artesanatos, mas penso que este país e esta empresa não podem se dar ao luxo de desperdiçar as melhores cabeças atuantes no setor de energia elétrica em atividades como estas.

Agora mesmo me diz um companheiro que os empregados da Eletrosul não vão mais poder fazer ligações telefônicas externas através da central da empresa e que serão instalados orelhões com esta finalidade.

Me lembro bem quando compramos a central PABX da Sede. Em 1979 pagamos mais para ter o que havia de mais moderno na época. Compramos uma central telefônica inteligente porque éramos uma empresa inteligente.

Hoje, da mesma forma que desativam (ou tornam inútil) a inteligência da central telefônica, querem também arquivar a inteligência da empresa.

Isto deve ser modernidade... Instalarão orelhões, diz meu amigo. Toda a inteligência que vivíamos em 79 será transformada numa tripa de fichas telefônicas e numa fila de empregados que buscarão na privacidade de um orelhão os clientes para seus sanduíches e raspadinhas...

Até que chegue um momento em que acabarão as finhas telefônicas.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

ARRIGO BARNABÉ

Mais uma obra de um artista em constante ebulição criativa



Foto: Jacques Mick

Arrigo Barnabé pilotava piano e sintetizadores, explosões no palco, bateria eletrônica, bis no Centro Integrado de Cultura: "Clair de Lune, de Debussy", avisa à platéia de 400 pessoas. Mas toca Suspeito, música preferida, acompanhado das gargalhadas de hiena dos solos de sax de Mané Silveira. O espetáculo é só uma das muitas obras simultâneas de um artista em perpétua ebulição criativa.

O show junta dois lados de Arrigo Barnabé: as canções, inéditas e as antigas, e a música instrumental. Coisas compostas nos dois últimos anos, em que trabalhou como assessor especial de música da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Gostou da experiência: "Achei muito interessante" e cita um elenco de criações da secretaria, como a Universidade Livre de Música, a Orquestra de Jazz Sinfônico e dois coros grandes. "É legal, isso abre mercado pra chuchu".

Deixou de fazer trilhas

para cinema, coisa de que gostava muito, depois que o governo Collor fechou a Embrafilme. Mas juntou seus desejos de realizar "de forma mais eficiente a ligação do teatro com a música", com Itamar Assumpção, Mário Manga, Mané Silveira e fez a "pseudo-ópera tragicômica O Gigante Negro", que teve três apresentações em 90 em São Paulo. É a história da revolta do arcanjo Miguel que, no brasileiro, para resolver os problemas do mundo. Arrigo Barnabé é o narrador de O Gigante Negro e espera continuar as apresentações em 91 no Memorial da América Latina e em Campinas.

Arrigo quebrou o pé direito no "réveillon" de 91. Mas o ano novo promete novidades na discografia do artista. Ele quer gravar dois LPs, um com canções, que já tem repertório pronto no time da música "comercial", e outro instrumental, com Mané Silveira, mais dois metais, teclados, bateria e dois percussionistas. O show de Florianópolis mos-

trou um pouco de cada um. No disco instrumental, Arrigo quer exercitar seu "lado de músico mesmo, me desatrelar da literatura, fazer só música, sem palavras". É a resposta que ele tem ao que ouve nas FMs. "A música que tenho ouvido é muito medíocre comparada comigo".

Por isso não se importa de pertencer ao que chama "segundo time da música comercial. Discos como Suspeito e Cidade Oculta não explodiram, não me qualificaram como um artista superbem pago". Cultiva a criação artística para os dois novos discos debaixo de uma perspectiva: "Você atrai o seu público. Com um disco, você joga a isca".

Nada impede Arrigo Barnabé de misturar as novas idéias instrumentais, "uma musicalidade muito brasileira, meio Tom Jobim, meio Roberto Carlos, no palco do CIC. Era 10 de janeiro. E a voz de Arrigo Barnabé cantava que, "a poesia, de repente, volta a ter razão".

Em 91 novos shows e dois discos

Arrigo Barnabé era o nome do avô italiano de Arrigo Barnabé, que há duas gerações se instalou no Paraná, precisamente Londrina, de onde saiu seu neto para São Paulo, no começo da década de 70. Fez cursinho, passou em Arquitetura na USP. Largou, ficou dois anos sobrevivendo por lá, até entrar na faculdade de música e aprender a tocar pia-

no. Nos anos 80, virou conhecido representante da chamada "vanguarda paulistana", viajando em estruturas atonais, letras influenciadas por cinema e história em quadrinhos, ritmo de metrópole. Lançou "Clara Crocodilo" naquele ano, trilha sonora de filme. Fez outros três discos até 89: "Tubarões Voadores", "Cidade Oculta" e "Suspei-

to", sempre misturando melodias com maior cuidado artístico com coisas entendidas como "comerciais" por produtores, críticos e FMs. Faz shows por todo o país e prepara dois novos discos em 91, um instrumental e outro com canções. Arrigo Barnabé também é ator e fala baixinho.



Foto: Deise Freitas

LINHA

aberta

Comédia critica posição da Igreja

A peça "Tartufo, um Impostor", de Molière, estará em cartaz nos dias 18, 19, 10, 25, 26 e 27 de janeiro e 01, 02 e 03 de fevereiro, no Teatro Álvaro de Carvalho-TAC, às 21h30min, encenada pelo Grupo de Teatro da Udesc, dirigida por José Ronaldo Faleiro.

A divertida comédia se passa na França, no Século XVII e conta a história de um próspero chefe de família, que aco-

lhe em sua casa um desconhecido, que se usando de artifícios religiosos, tenta apropriar-se dos seus bens e seduzir sua esposa. A boa fé de Orgonte, o dono da casa, impede que ele dê ouvidos aos argumentos dos filhos e criados de que Tartufo está se aproveitando dele. Até o momento em que estes armam uma cilada para desmascaram o impostor.

A peça ficou censurada durante mui-

to tempo pela forte crítica que fazia à Igreja, enfocando a hipocrisia de um falso devoto, cujo único intuito é a satisfação material.

O espetáculo, com várias indicações e uma premiação no IV Festival Universitário Brasileiro de Teatro de São José dos Campos, São Paulo, onde conquistou o prêmio de melhor atriz coadjuvante e indicação de melhor figurino.